

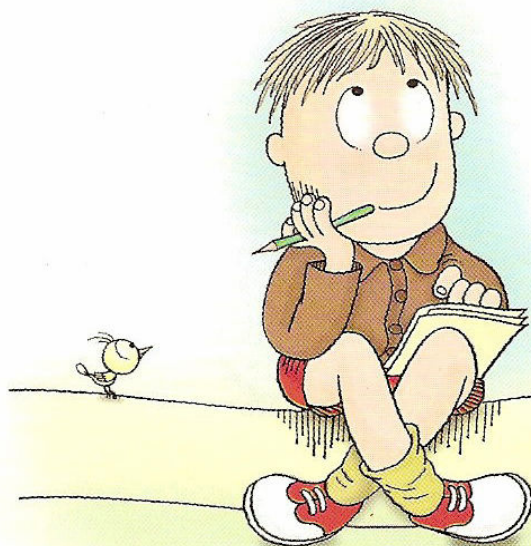
Ruth Rocha

Marcelo,  
marmelo, martelo  
e outras histórias





**Marcelo,  
marmelo,  
martelo**





Marcelo vivia fazendo perguntas a todo mundo:

- Papai, por que é que a chuva cai?
- Mamãe, por que é que o mar não derrama?
- Vovó, por que é que o cachorro tem quatro pernas?

As pessoas grandes às vezes respondiam.

Às vezes, não sabiam como responder.

– Ah, Marcelo, sei lá...

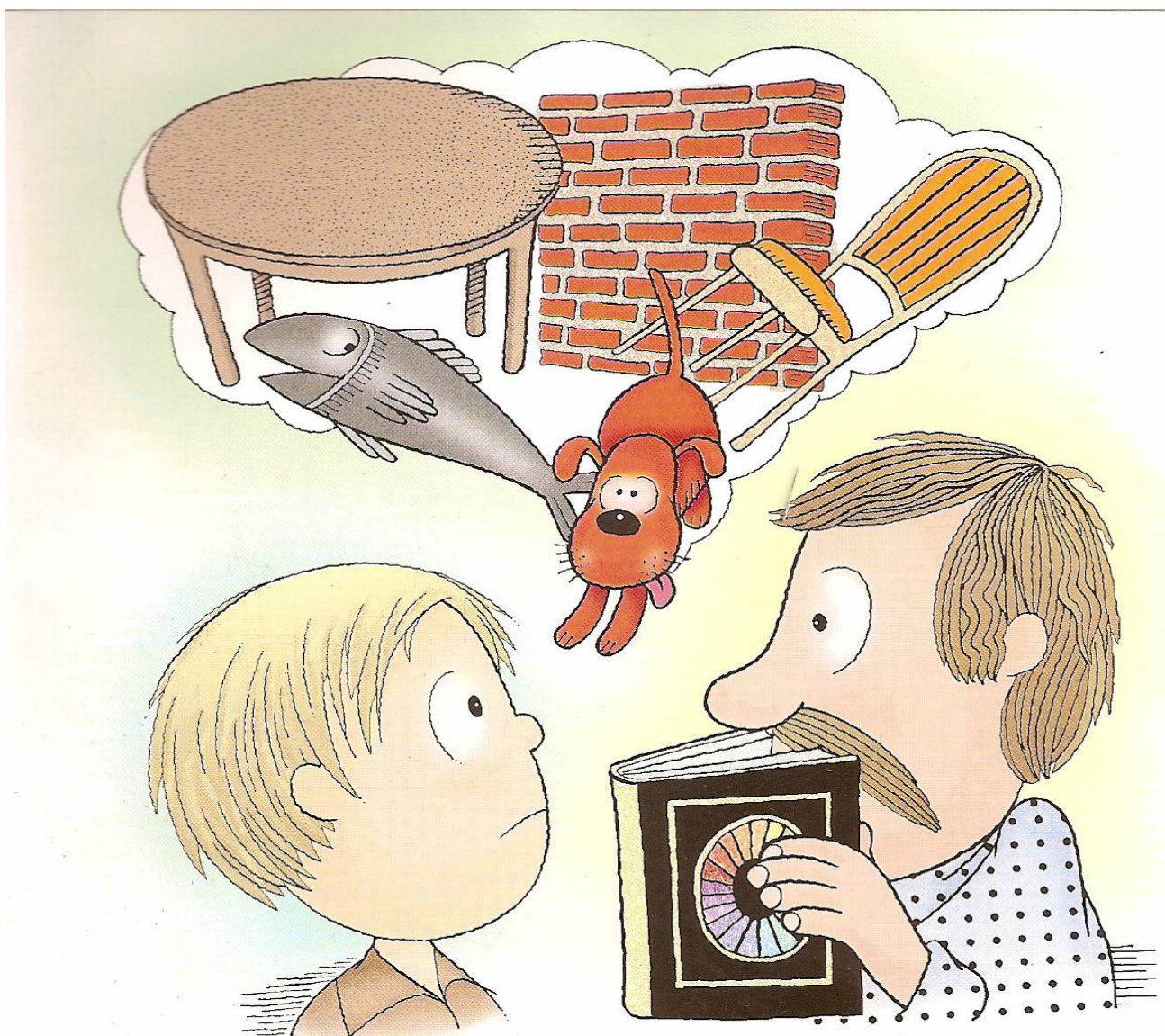


Uma vez, Marcelo cismou com o nome das coisas:

- Mamãe, por que é que eu me chamo Marcelo?
- Ora, Marcelo foi o nome que eu e seu pai escolhemos.
- E por que é que não escolheram martelo?
- Ah, meu filho, martelo não é nome de gente! É nome de ferramenta...
- Por que é que não escolheram marmelo?
- Porque marmelo é nome de fruta, menino!
- E a fruta não podia chamar Marcelo, e eu chamar marmelo?







No dia seguinte, lá vinha ele outra vez:

– Papai, por que é que mesa chama mesa?

– Ah, Marcelo, vem do latim.

– Puxa, papai, do latim? E latim é língua de cachorro?

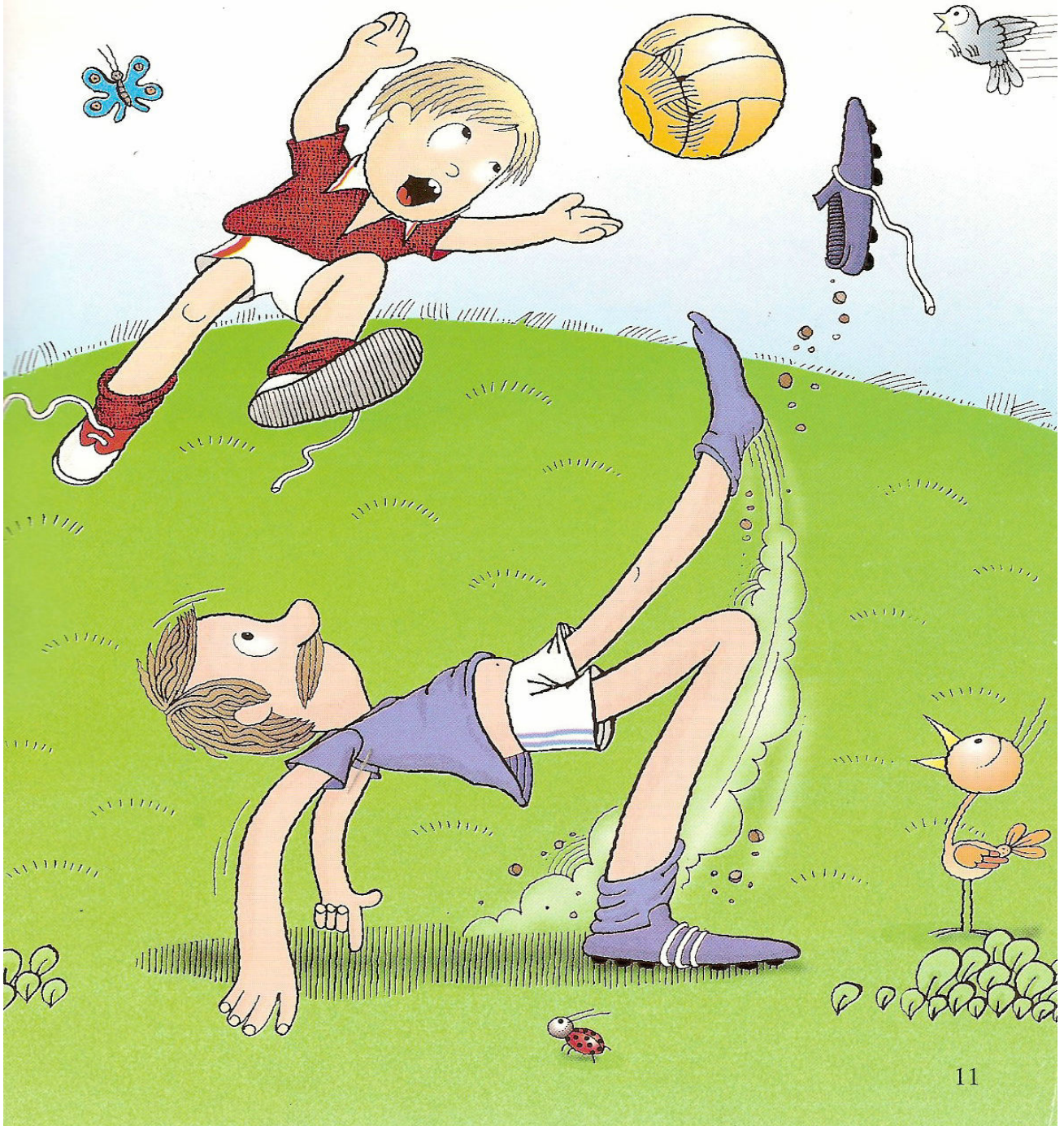
– Não, Marcelo, latim é uma língua muito antiga.

– E por que é que esse tal de latim não botou na mesa nome de cadeira, na cadeira nome de parede, e na parede nome de bacalhau?

– Ai, meu Deus, este menino me deixa louco!

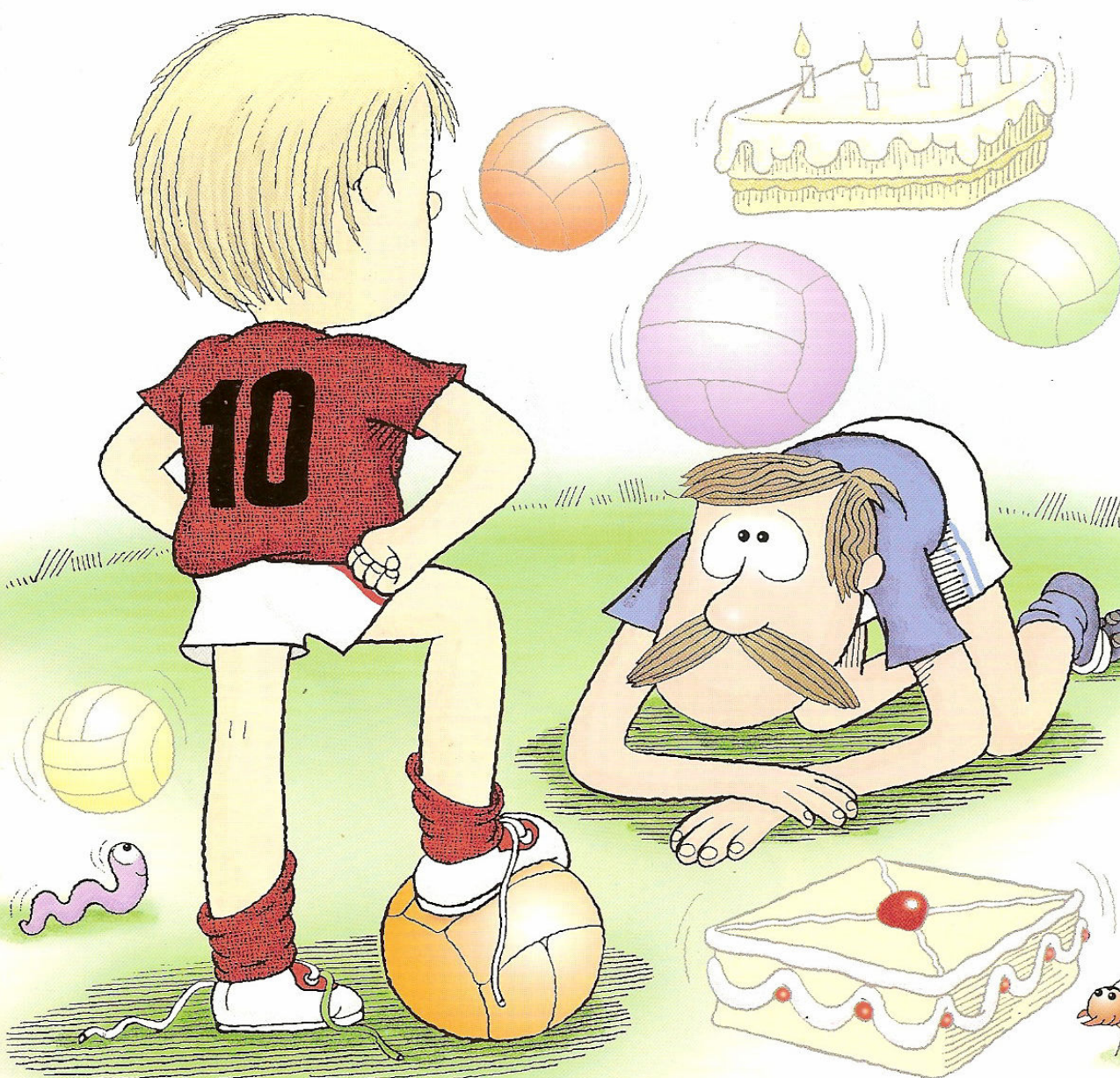


Daí a alguns dias, Marcelo estava jogando futebol com o pai:  
– Sabe, papai, eu acho que o tal de latim botou nome errado nas coisas. Por exemplo: por que é que bola chama bola?





- Não sei, Marcelo, acho que bola lembra uma coisa redonda, não lembra?
- Lembra, sim, mas... e bolo?
- Bolo também é redondo, não é?
- Ah, essa não! Mamãe vive fazendo bolo quadrado...  
O pai de Marcelo ficou atrapalhado.





E Marcelo continuou pensando:

“Pois é, está tudo errado! Bola é bola, porque é redonda. Mas bolo nem sempre é redondo. E por que será que a bola não é a mulher do bolo? E bule? E belo? E bala?

Eu acho que as coisas deviam ter nome mais apropriado. Cadeira, por exemplo. Devia chamar sentador, não cadeira, que não quer dizer nada.

E travesseiro? Devia chamar cabeceiro, lógico! Também, agora, eu só vou falar assim”.





Logo de manhã, Marcelo começou a falar sua nova língua:

– Mamãe, quer me passar o mexedor?

– Mexedor? Que é isso?

– Mexedorzinho, de mexer café.

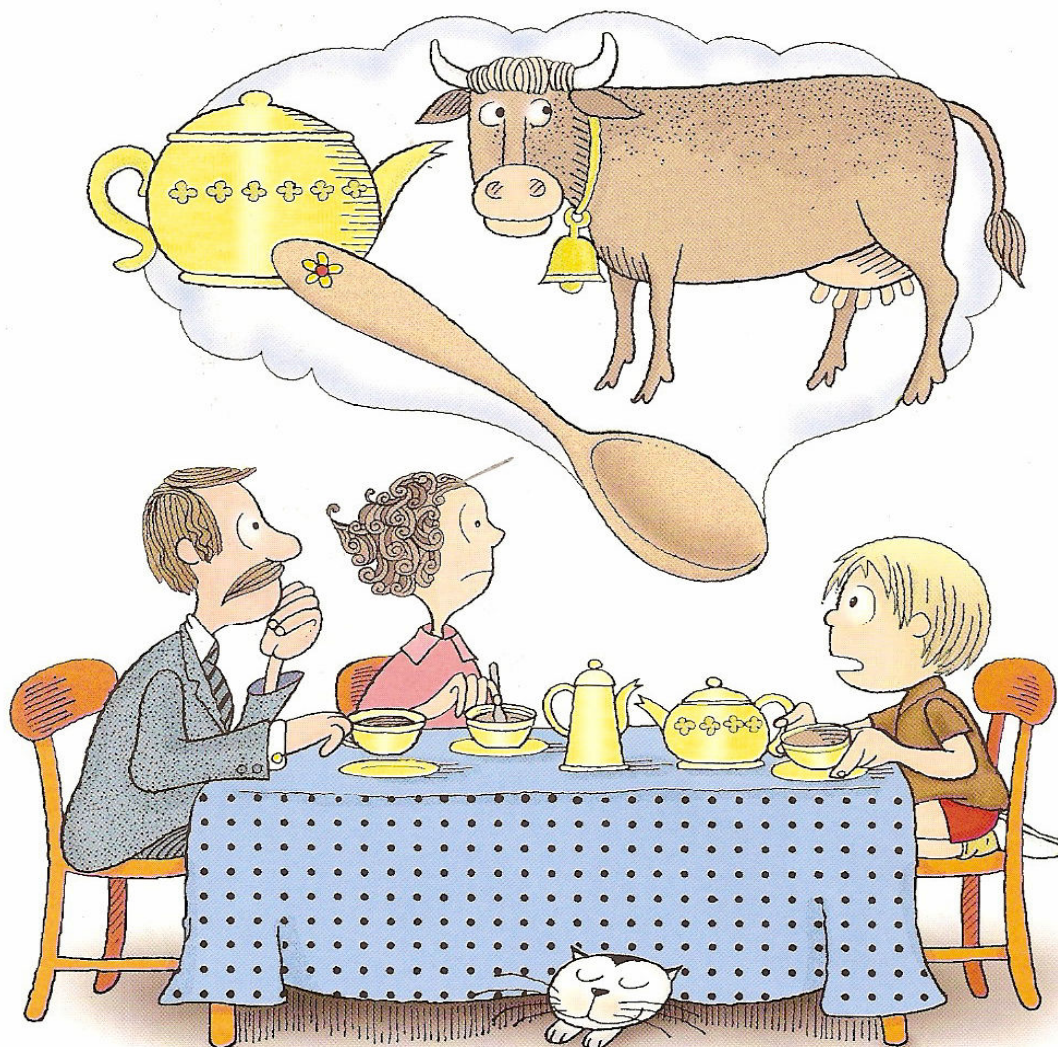
– Ah... colherinha, você quer dizer.

– Papai, me dá o suco de vaca?

– Que é isso, menino?

– Suco de vaca, ora! Que está no suco-da-vaqueira.

– Isso é leite, Marcelo. Quem é que entende este menino?





O pai de Marcelo resolveu conversar com ele:

– Marcelo, todas as coisas têm um nome. E todo mundo tem que chamar pelo mesmo nome, porque, senão, ninguém se entende...

– Não acho, papai. Por que é que eu não posso inventar o nome das coisas?



– Deixe de dizer bobagens, menino! Que coisa mais feia!

– Está vendo como você entendeu, papai? Como é que você sabe que eu disse um nome feio?

O pai de Marcelo suspirou:

– Vá brincar, filho, tenho muito que fazer...

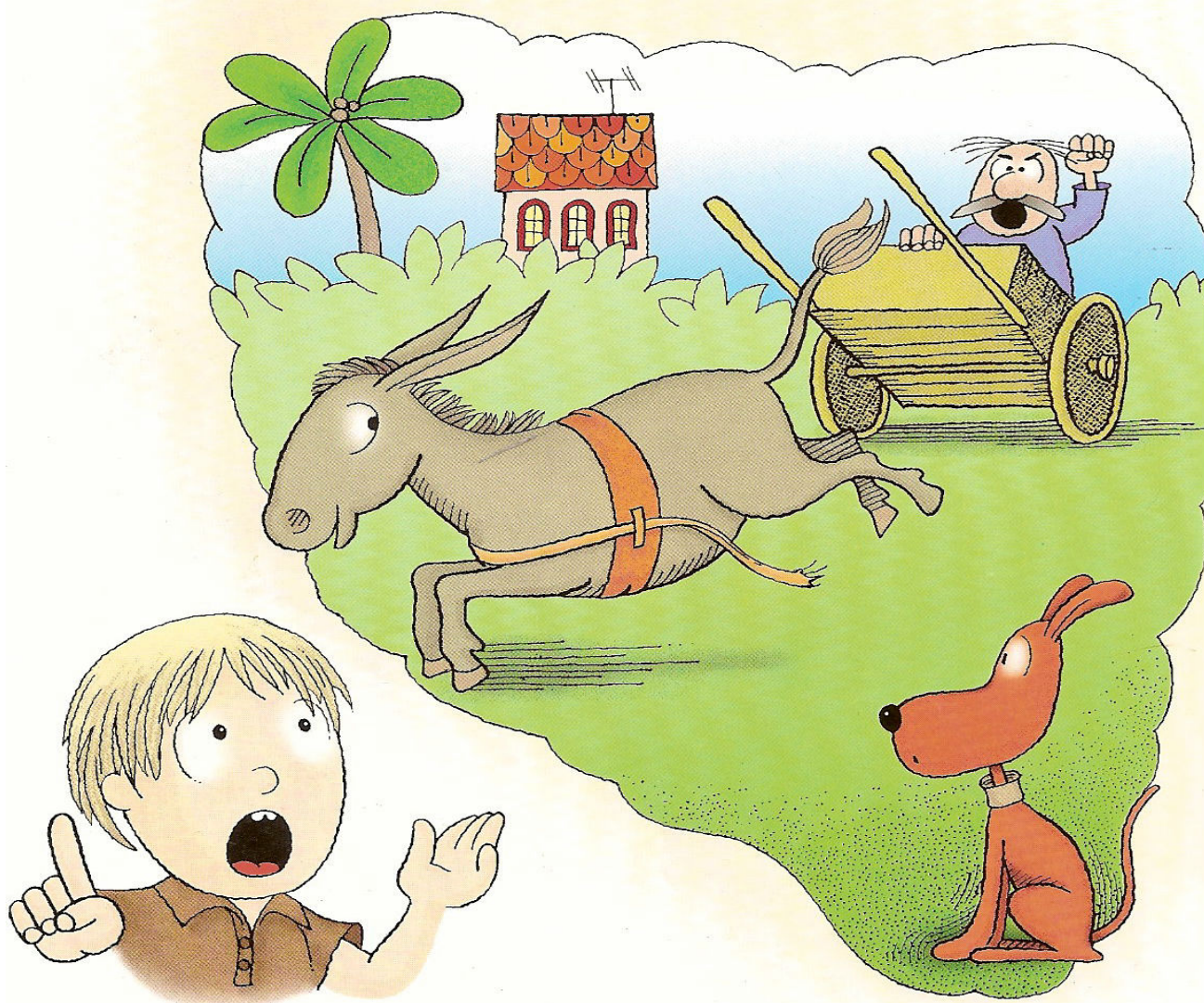


Mas Marcelo continuava não entendendo a história dos nomes. E resolveu continuar a falar, à sua moda. Chegava em casa e dizia:

– Bom solário pra todos...

O pai e a mãe de Marcelo se olhavam e não diziam nada. E Marcelo continuava inventando:

– Sabem o que eu vi na rua? Um puxadeiro puxando uma carregadeira. Depois, o puxadeiro fugiu e o possuidor ficou danado.





A mãe de Marcelo já estava ficando preocupada.

Conversou com o pai:

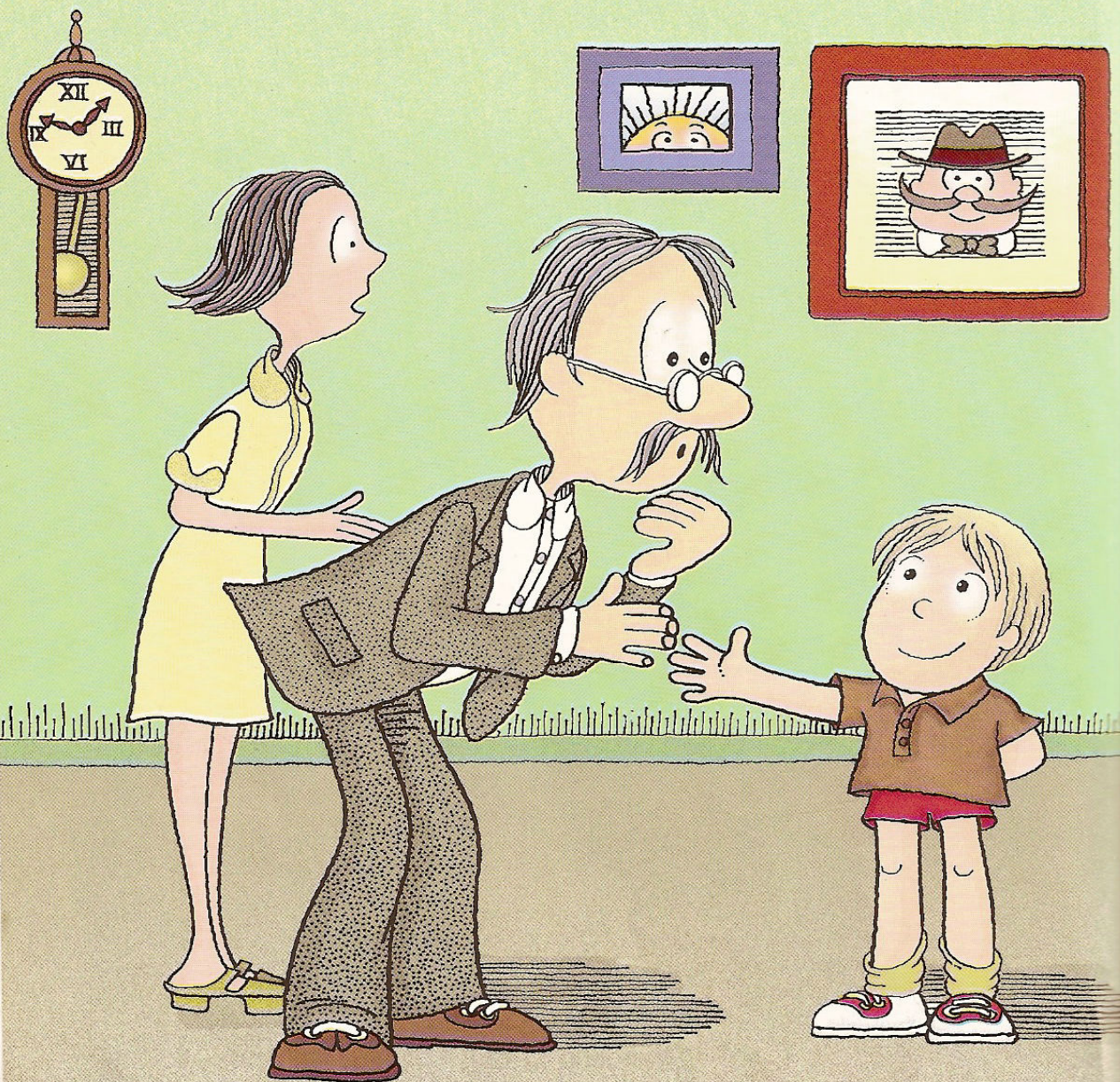
– Sabe, João, eu estou muito preocupada com o Marcelo, com esta mania de inventar nomes para as coisas... Você já pensou, quando começarem a aulas? Esse menino vai dar trabalho...

– Que nada, Laura! Isso é uma fase que passa. Coisa de criança...





Mas estava custando a passar...  
Quando vinham visitas, era um caso sério. Marcelo só cumprimentava dizendo:  
– Bom solário, bom lunário... – que era como ele chamava o dia e a noite.  
E os pais de Marcelo morriam de vergonha das visitas.





Até que um dia...

O cachorro do Marcelo, o Godofredo, tinha uma linda casinha de madeira que Seu João tinha feito para ele.

E Marcelo só chamava a casinha de moradeira, e o cachorro de Latildo.

E aconteceu que a casa do Godofredo pegou fogo.

Alguém jogou uma ponta de cigarro pela grade, e foi aquele desastre!





Marcelo entrou em casa correndo:

– Papai, papai, embrasou a moradeira do Latildo!

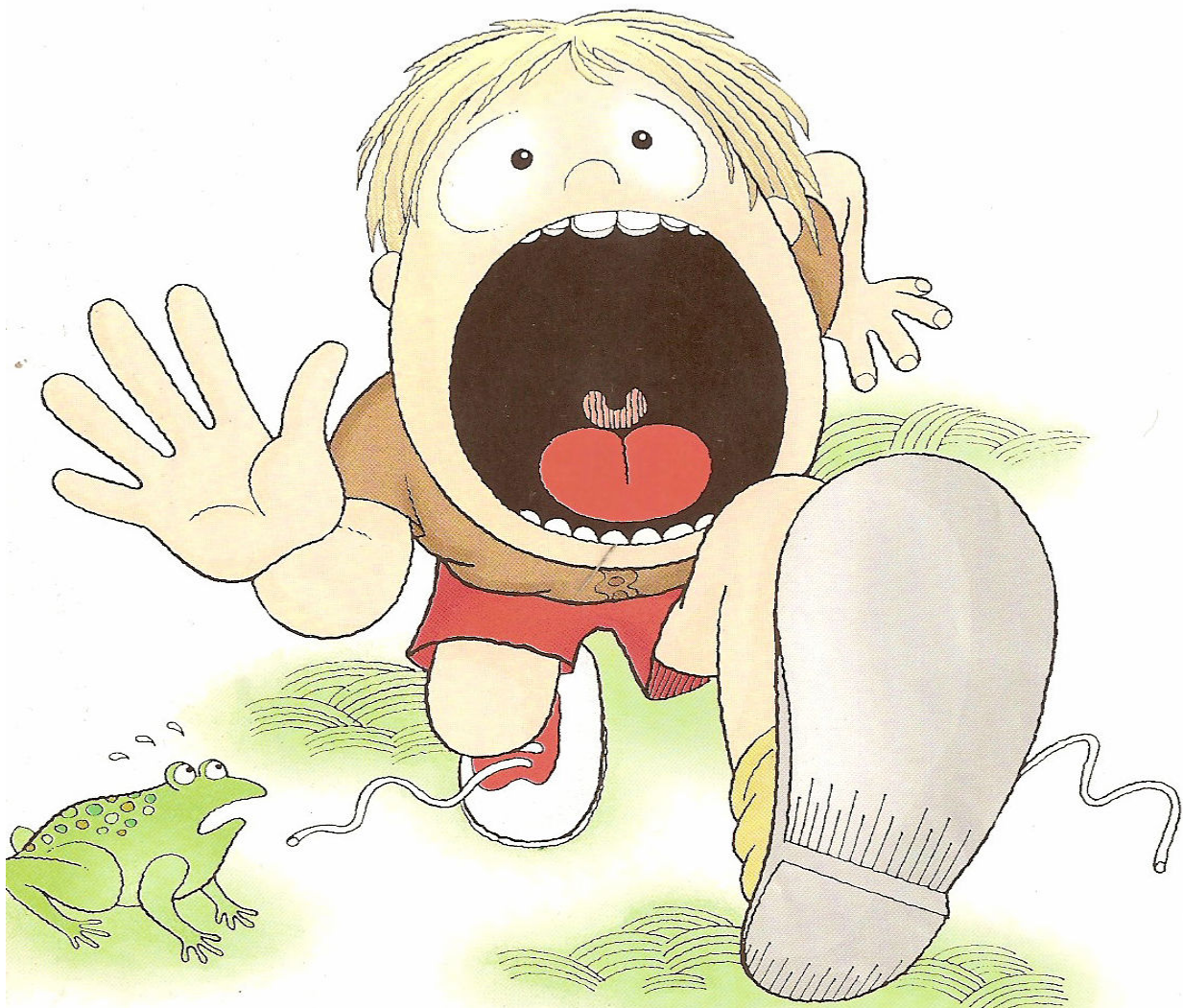
– O quê, menino? Não estou entendendo nada!

– A moradeira, papai, embrasou...

– Eu não sei o que é isso, Marcelo. Fala direito!

– Embrasou tudo, papai, está uma branqueira danada!

Seu João percebia a aflição do filho, mas não entendia nada...





Quando Seu João chegou a entender do que Marcelo estava falando, já era tarde.

A casinha estava toda queimada. Era um montão de brasas.

O Godofredo gania baixinho...

E Marcelo, desapontadíssimo, disse para o pai:

– Gente grande não entende nada de nada, mesmo!





Então a mãe do Marcelo olhou pro pai do Marcelo.

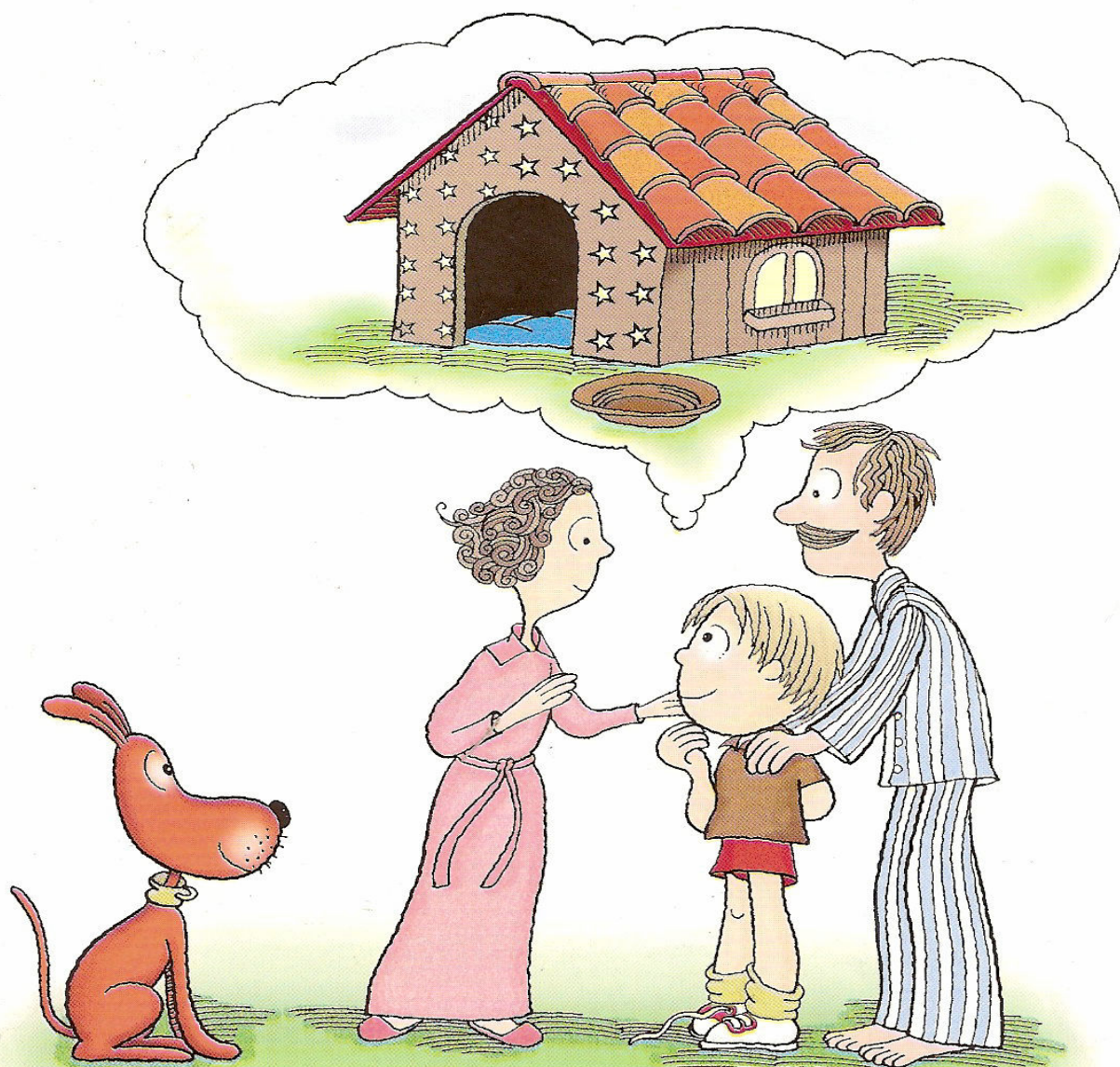
E o pai do Marcelo olhou pra mãe do Marcelo.

E o pai do Marcelo falou:

– Não fique triste, meu filho. A gente faz uma moradeira nova pro Latildo.

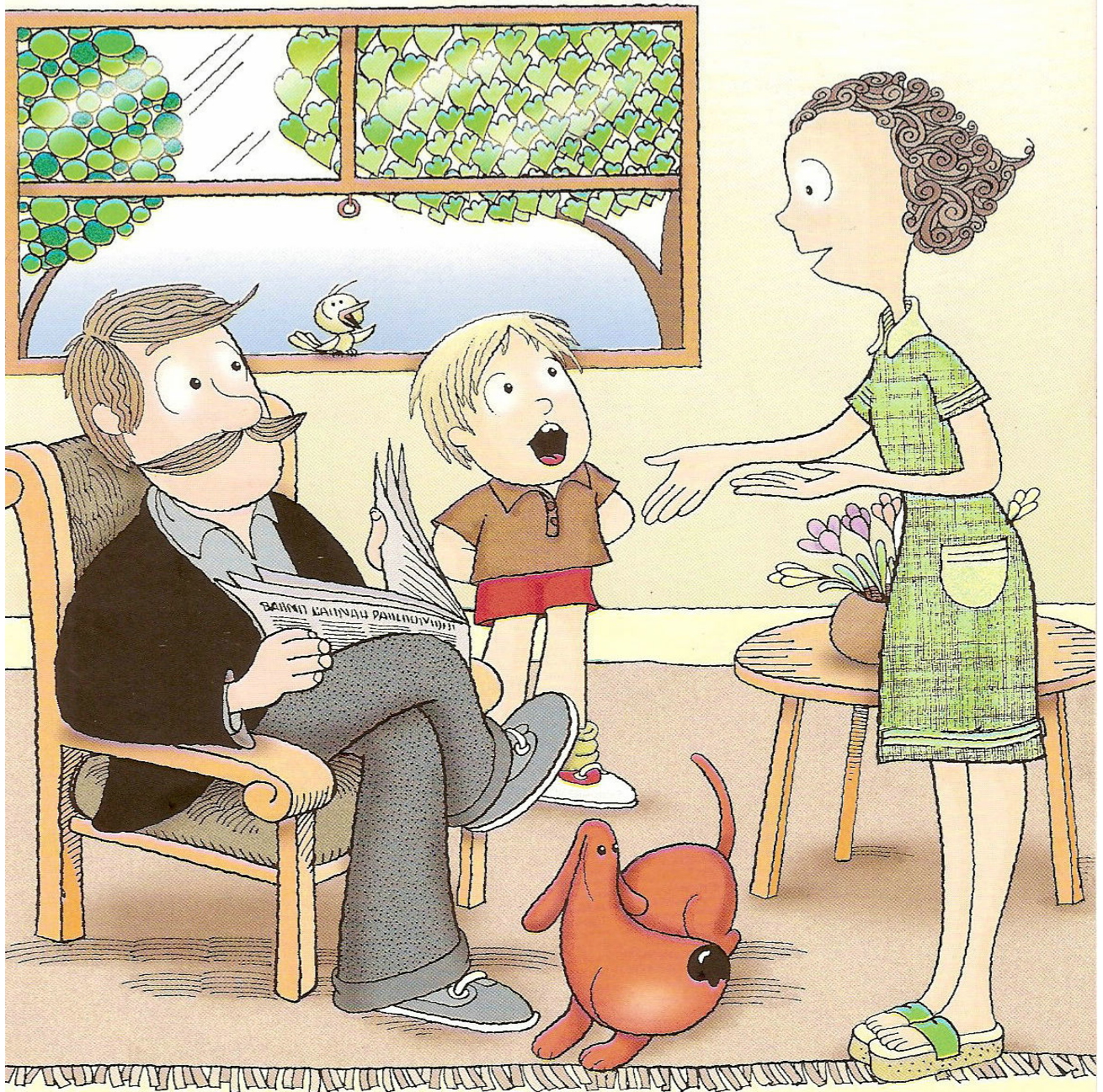
E a mãe do Marcelo disse:

– É sim! Toda marronzinha, com a entrada na frente e um cobridor bem azulzinho...





É agora, naquela família, todo mundo se entende muito bem. O pai e a mãe do Marcelo não aprenderam a falar como ele, mas fazem força pra entender o que ele fala. E nem estão se incomodando com o que as visitas pensam...





Você gostou do fim da história?  
Se você fosse o autor,  
como é que você gostaria  
que a história acabasse?  
Por que é que você não escreve  
a história de um menino,  
ou de uma menina,  
que também inventou  
um jeito diferente de falar?  
Depois, mostre sua história  
à sua professora.

